

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO

**Faculdade de Teologia**

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

**Exegese sobre «A Ressurreição de Lázaro» (Jo 11, 1-54)**

PEREIRA Alane Andrade

ARAUJO Gabriel Alves

**Literatura Joanina e Cartas Católicas**

Prof. Dr. Pe. Shigeyuki Nakanose

São Paulo 2024

## Exegese sobre «A Ressurreição de Lázaro» (Jo 11, 1-54)

### 1. SINALIZAÇÃO

Betânia, doente, Lázaro, Maria, Marta, Jesus, discípulos, Judeia, doente, judeus, ressurreição, quarto dia, vida, Senhor, pedra.

### 2. SITUANDO O TEXTO

Como provam as alusões em 12,9-11 e 12,17-18, o episódio de Lázaro (10,40-11,54) constitui juntamente com a unção em Betânia, a entrada em Jerusalém e os diálogos subsequentes (11,55-12,36) uma unidade maior. A ressurreição de Lázaro é o sétimo sinal do quarto evangelho. A função dos sinais é levar as pessoas a tomar partido: a favor de Jesus e da vida ou contra ele e a favor da morte. De fato, Marta crê que Jesus é a Ressurreição e a Vida (vv. 25-27), ao passo que as autoridades político-religiosas dos judeus declaram a morte de Jesus (v. 45ss). A ressurreição de Lázaro é também o ponto alto da catequese batismal das primeiras comunidades cristãs. Esse episódio pretende conduzir as pessoas à profissão de fé em Jesus-Vida.

Na introdução, Johan Konings apresenta as principais questões acerca do Quarto Evangelho, indica o modo como aborda o texto<sup>1</sup>, as particularidades de João, a estrutura e o gênero literário. Quanto a este último, evidencia os traços narrativo-dramáticos e os discursos de revelação que predominam neste Evangelho. Se a abordagem histórico-crítica em seus albores via muitos problemas de cunho literário que impediam encontrar uma unidade do texto, Konings, ao se apoiar no método da análise narrativa, pode afirmar que aquilo que por muitos fora considerado acréscimo de algum redator (eclesial) são,

---

<sup>1</sup> O acesso ao Quarto Evangelho começa por aquilo que está mais perto de nós: o próprio texto (KONINGS, Evangelho segundo João, p. 16).

segundo ele, «comentários reflexivos que o autor acrescenta a seu próprio texto»<sup>2</sup>.

Na discussão sobre a semelhança ou discrepância do Quarto Evangelho com os demais evangelhos, o exegeta afirma que «João não apenas está em conformidade com os demais, mas ajuda-nos a interpretá-los. Aborda sob outro ângulo o mesmo mistério», e na sequência exemplifica: «Se, por exemplo, João acentua que a escatologia está presente aqui e agora, podemos ler outros autores do Novo Testamento na mesma linha, mesmo que sua linguagem seja mais futurista»<sup>3</sup>.

O Evangelho segundo João possui um caráter teológico próprio que faz dele um Evangelho de iniciação e perseverança; místico e contemplativo; «espiritual» e «teo-lógico». Esta última característica, isto é, que se trata de um Evangelho «teo-lógico», significa dizer que para João, «falar de Cristo (cristologia) é falar de Deus (teologia): o assunto é Deus»<sup>4</sup>. Segundo Konings, a inauguração do tempo do fim, do reinado de Deus no mundo está conectada com a cristologia de forma que a «vida eterna» começa já agora na fé em Cristo e no seguimento de sua prática.

Percebemos aqui uma escatologia joanina sendo tratada a título de escatologia «presente», «realizada». Konings prefere tratá-la como escatologia «inaugurada»<sup>5</sup>, o que permite considerar a dupla vertente sem que se suprima uma em detrimento da outra. Aquilo que em Jesus se inaugura tem influência decisiva sobre a vida dos crentes, entretanto, ainda não está completo, as realidades escatológicas estão já «disponíveis», mas adesão e fidelidade são condições para que se efetivem na vida do crente e alcancem a plenitude.

Para Konings, a coexistência das formas presente e futura da escatologia joanina não aponta necessariamente para uma contradição. Segundo ele, é preciso considerá-las numa relação dialética, tal como se encontra em Jo 11, 17-27 quando o tema da ressurreição é apresentado com a dupla vertente. Sobre isso ele comenta:

---

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 20. Grifos do autor.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 27.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 54.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 33.

Em João existe uma relação dialética entre a escatologia «espiritual», presente na fé em Jesus, e a escatologia «material», a da ressurreição final, no último dia [...]. A escatologia final é o símbolo, a escatologia presente é a realidade. Mas o símbolo [...] não pode ser dispensado. Por isso mesmo, Jesus o faz acontecer antecipadamente, para que saibamos que o que ele significa já está presente<sup>6</sup>.

Considerando essa dimensão simbólica do Quarto Evangelho, Konings retira das perícopes onde as temáticas escatológicas dão a tônica às narrativas e discursos, os dados que nos auxiliam nesta reflexão. Dessa maneira, a «ressurreição» de Lázaro aponta para a ressurreição verdadeira de Cristo; a vida eterna não é um bem do além, antes possui um elemento que eleva qualificativamente já a nossa vida terrena, transportando-nos para a «vida do âmbito de Deus, vivida na fé, desde já [...]». É o definitivo de Deus «em nossa vida»<sup>7</sup>.

### **3. ANÁLISE LITERÁRIA**

Na ressurreição de Lázaro distinguimos seis cenas, ligadas entre si por múltiplas referências e constituindo certa simetria (diálogos com Marta e Maria constituem o centro):

- I.** Fugindo de Jerusalém, Jesus se retira no outro lado do Jordão (10,40-42).
- II.** Volta à Judeia. Lázaro morre antes de Jesus Chegar (11,1-16).
- III.** Jesus se encontra com Marta na entrada de Betânia (11,17-27).
- IV.** Jesus fala com Maria e a segue para visitar o túmulo (11,28-37).
- V.** A ressurreição de Lázaro (11,38-44).
- VI.** Complô contra Jesus (11,45-53) e retirada para o deserto (11,54).

---

<sup>6</sup> KONINGS, Evangelho segundo João, p. 227. Grifos do autor.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 225.

No arranjo de João, a ressurreição de Lázaro é o ensejo imediato da ação decisiva das autoridades contra Jesus (11,45; cf. 12,17-19). Nos sinóticos, o estopim era a purificação do Templo, que João deslocou para o início do evangelho.

### **I. Jesus no outro lado do Jordão (10,40-42)**

Jesus vai para o outro lado do Jordão, à região onde João estava batizando no início do evangelho (cf. 1,28), não muito longe de Jerusalém, e «permanece» com o povo «ali». A atitude positiva do povo «ali» (v.42) constitui um significativo contraste com a expulsão de Jesus do Templo (v.39). O povo se lembra de João e julga sua atuação com os critérios do Deuteronômio: «João não fez nenhum sinal; ora, tudo o que ele falou a respeito deste homem [Jesus] é verdade» (cf. 1,29-34). Embora o Batista não tenha feito sinais proféticos (cf. Dt18,19), o testemunho que, como enviado de Deus, proferiu a respeito de Jesus era verdadeiro. Sua palavra se realizou (cf. Dt 18,22): Jesus é o Messias anunciado por João. Muitos ali passam a acreditar em Jesus.

### **II. Jesus sobe à Judeia (11,1-16)**

Lázaro de Betânia, «do povoado de Maria e Marta», amigo de Jesus cai enfermo. Mas quem são estes personagens? As identificações nos vv. 1b-2 explicam o desconhecido pelo desconhecido. As irmãs mandam avisar Jesus que seu amigo está doente «Esta enfermidade não terminará na morte», responde Jesus, «ela servirá para a glória de Deus; o Filho de Deus vai manifestar sua glória por ocasião desta enfermidade!» Exatamente como a doença do cego se transformou em manifestação da obra de Deus (9,3-5).

Jesus amava mesmo Lázaro e suas irmãs (v.5), o verbo «amar» indica em João, entre outras coisas, a relação fraterna – afetiva e efetiva – na comunidade. O v.6 reassume o nexos com o v.4: tendo dito que a doença servirá para a manifestação da glória de Deus, Jesus demora-se ainda dois dias na região além do Jordão. Como sempre em João, quem decide o momento de agir é Jesus (cf.

2,4; 7,10. 6,11); depois dos dois dias, ele decide: «Vamos atravessar novamente (ou: de volta) para a Judeia».

Os discípulos lembram que há pouco os judeus queriam apedrejá-lo. «Não são doze as horas do dia?», responde Jesus. «Quem caminha durante o dia não tropeça, pois vê a luz deste mundo. «Jesus é a luz do mundo (8,12; 9,5) e, enquanto é «dia», enquanto é possível trabalhar, ele se empenha nas obras do Pai (cf. 9,3). Quer completar as horas, levar o trabalho a obras do Pai (cf. 9,3). Quer completar as doze horas, levar o trabalho a termo. A noite de sua «hora» (cf. 13,30) – quando levará a obra a termo (19,30) – ainda não chegou (cf. 7,30; 8,20), mas está próxima. Entretanto, ainda que para Jesus essa hora seja gloriosa (13,31), «quem caminha de noite tropeça, porque não tem luz». Sem Jesus o caminho não é seguro.

Jesus acrescenta: «Nosso amigo Lázaro dorme, mas eu vou despertá-lo», «Se dorme», opinam os discípulos, «não há problema, ele vai ficar bom». Eles não entenderam que Jesus falou do sono da morte (cf. Dn 12,2). Então, Jesus declara abertamente: «Lázaro morreu, e eu me alegro por não ter estado lá, pois assim podereis crer!» E acrescenta: «Mas vamos até ele».

Tomé percebe o perigo que Jesus corre (cf. v.8) e, consciente como sempre, diz: «Vamos também nós, para morrer com ele». Tomé volta ao assunto dos vv. 8-9: convém ficar com Jesus, estar onde ele está (cf. 12,26), pois aí a morte não tem a última palavra. Na linguagem cristã, «morrer com Cristo» já é terminologia batismal conhecida (Rm 6,8; II Cor 5,14).

Se «morrer com ele» se refere a Jesus<sup>8</sup>, o paradoxo desta perícopa fica acentuado: no momento em que vai revelar o dom da vida, Jesus se encaminha para a morte. Isso merece uma meditação. A vida que Jesus comunica não é da mesma ordem que a vida física. Esta pode morrer – Jesus deixa até passar uns dias para que a vida física morra, e então ressurja a vida nova. Assim, a própria morte de Jesus está prefigurada na morte de Lázaro, que antecipadamente é despertado para a nova vida, com ele. Pois Lázaro é «amigo», solidário com

---

<sup>8</sup> «Com ele» poderia também referir-se a Lázaro; neste caso, ser amigo de Jesus, como Lázaro, significa ser despertado da morte, por Jesus, como sabem os iniciados cristãos; (cf. 5,14). Tomé estaria expressando a solidariedade eclesial no mistério que se realiza em Lázaro, significando o batismo.

Jesus. Por outro lado, a ressurreição de Lázaro é a ressurreição da qual o cristão participa pelo batismo, entrando assim na vida escatológica, co-ressuscitado com Cristo. Entre Jesus, Lázaro e os demais discípulos existe uma solidariedade de morte e vida.

### **III. Jesus e Marta (11,17-27)**

Quando Jesus chega a Betânia, encontra Lázaro há quatro dias no sepulcro<sup>9</sup>. Na casa das irmãs encontram-se muito dentre os judeus, vindos de Jerusalém e arredores para apresentar pêsames e chorar o falecido (cf. v.31; Betânia fica pertinho de Jerusalém, uns três quilômetros, v.18). Assim como 11,2 já anunciava a proximidade da Paixão, também a nota geográfica do evangelista em 11,18 nos coloca na atmosfera na semana da Paixão: Jerusalém está perto.

Ao saber que Jesus chegou, Marta vai a seu encontro, enquanto Maria fica em casa. (O diálogo com Marta exerce função de suspense, como 2,4 e 4; 11,38-40). Marta fala a Jesus: «Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mesmo assim, eu sei que o que pedires a Deus, ele te concederá». Quando Jesus responde: «Teu irmão ressuscitará», Marta confirma que, como judia piedosa (de tradição farisaica), ela acredita na ressurreição do «último dia».

Marta acredita, pois, na «ressurreição do último dia». Mas ela não conhece o novo que acontece com Jesus. Sem contradizer a ressurreição no último dia (cf. 5,28; 6,39). Jesus explica que essa ressurreição está presente na sua própria pessoa. Em sua pessoa torna-se presente o dom da ressurreição, interpretada como a vida verdadeira que vem de Deus, vida que é de uma ordem diversa de nossa ordem biológica: «A ressurreição e a vida sou eu».

A expressão «eu sou» não significa uma definição ontológica, mas, como em outros lugares (v. 6,35), o dom que Jesus em sua pessoa apresenta aos fiéis, ou seja, sua missão salvífica: dar vida. Na pessoa de Jesus está presente não só a ressurreição, mas a ressurreição e a vida, a ressurreição que proporciona vida. Jesus explica: «Quem crê em mim, ainda que morra, viverá». Quem crê em Jesus, mesmo se morre fisicamente (a «a primeira morte»), viverá (no sentido

---

<sup>9</sup> Quatro dias significa, na concepção judaica, seguramente morto.

da reinterpretação joanina da ressurreição). «E quem vive e crê em mim não morrerá jamais», não conhecerá a «segunda morte». (cf. Ap 2,11; 20,6.14; 21,8)<sup>10</sup>.

Jesus provoca a opção de fé: «Crês nisto?» Marta responde: «Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que deve vir ao mundo». Uma profissão de fé bem completa (cf. 20,31).

#### IV. Jesus e Maria (11,28-37)

Tendo recebido essa *instrução* da fé, Marta acha bom que também Maria aproveite a oportunidade e lhe diz no ouvido: «O *Mestre* está aqui e quer falar contigo». A comunicação entre as irmãs e a terminologia usada evocam a instrução da comunidade. Como Jesus não tinha chegado propriamente até a casa das irmãs, mas ficara na entrada do pequeno povoado, no lugar onde Marta fora a seu encontro, Maria levanta-se rapidamente e vai ter com Jesus ali. Vendo-a sair de casa, rumo à encruzilhada, os judeus pensam que ela quer ir chorar no túmulo e a acompanham.

«Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido», diz Maria ao encontrar Jesus, com as mesmas palavras de Marta. As perguntas das pessoas podem ser as mesmas, as respostas de Deus são diversas: Maria recebe uma resposta bem diferente da que foi dada a Marta. Em Lázaro, Jesus encara a morte e as trevas.

Neste estado de tensão comparável ao de sua «hora», Jesus pergunta onde puseram Lázaro. «Vem, ver Senhor», dizem. Jesus «verteu lágrimas». João usa aqui, no v. 35, um termo diferente daquele que indica o pranto ritual (cf. v. 28): as lágrimas de Jesus não são mero rito fúnebre. «Vede como ele o amava», dizem os visitantes. Prefigura o que se dirá dos primeiros cristãos: «Vede como eles se amam» (Luciano de Samosata).

---

<sup>10</sup> «Quem vive e crê em mim» pode ter dois sentidos: 1. Quem durante a vida (física) crê em mim (quem crê em mim biologicamente) não morrerá no nível da «eternidade» (no sentido «espiritual» de morrer – ser separado de Deus e de Jesus). 2. Quem vive (espiritualmente). O primeiro sentido é mais paradoxal e é provavelmente o que João tem em vista (cf. 5,24)

Mas alguns observam: «Este, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito com que Lázaro não morresse?» No nível da narrativa, os corações se dividem em torno da atuação de Jesus, como sempre (10, 19-21). Entretanto, no nível do leitor, a aproximação que João assim opera entre a cura do cego (cf. Jo 9) e o que acontece a Lázaro (cf. Jo 11) tem um efeito muito sugestivo, como bem entendeu a liturgia cristã, que desde cedo usou estes dois textos, juntamente com o da «água viva» (cf. Jo 4), para a preparação do batismo.

## **V. A ressurreição de Lázaro (11,38-44)**

Jesus é tomado por uma forte emoção interior. Vai ao túmulo – uma gruta com uma grande pedra na frente e manda afastar a pedra. Marta objeta que o corpo já cheira mal, pois está morto há quatro dias. Então Jesus apela para a fé de Marta (e de todos os que creem): «Se creres, verás a glória de Deus (manifestar-se)» (cf. 11,4).

Marta do v.40 não parece a mesma do v. 27: enquanto esta proclama uma fé sem defeito, a do v. 40 recebe uma advertência de Jesus. A narrativa ficaria bem mais simples e retilínea sem o primeiro diálogo com Marta (vv. 20-27): Jesus chegaria a Betânia, falaria logo com Maria, iria ao túmulo, e Marta poderia intervir para observar que Lázaro já cheira mal, depois do que Jesus exigiria a fé (de Marta) para ver a manifestação da glória de Deus. Mas o evangelista parece ter inserido o primeiro diálogo com Marta para antepor ao milagre.

No segundo diálogo com Marta o que Jesus vai fazer é antes de tudo um sinal de que Ele é a ressurreição e a vida (v. 25). Semelhante procedimento encontramos, em forma mais simples, nos «suspenses» de (cf. 2,4 e 4,48). Graças ao «suspense» de 11,20-27, a advertência feita a Marta no v. 40 deve ser entendida no seguinte sentido: «Alguém que crê, como você (cf. v.27), não deve raciocinar no nível físico («já cheira mal»), mas no nível da manifestação da glória de Deus» (cf. 11,4; 2,11). Assim, do ponto de vista literário, os diálogos e intervenções têm o efeito de aumentar o suspense do sinal, e ao mesmo tempo o colocam em relação com o simbolismo do dom da ressurreição e da vida.

Retiram a pedra. Jesus levanta os olhos em oração (cf. Jo 17,1; Lc 18,13) e reza: «Pai, eu dou graças porque me ouviste! Eu sei que sempre me ouves, mas digo isto por causa da multidão em torno de mim, para que creia que tu me enviaste». Jesus sabe que Deus o atende, mas reza assim em voz alta para que o povo saiba que ele age como enviado do Pai. Então, Jesus grita em alta voz forte: «Lázaro, vem para fora!»

«Vem a hora em que todos os que estão nos túmulos ouvirão sua voz» (cf. 5,28-29). Em João existe uma relação dialética entre a escatologia «espiritual», presente na fé em Jesus, e a escatologia «material», a da ressurreição final, no último dia (cf. v. 27). A escatologia final é o símbolo, a escatologia presente é realidade. Por isso mesmo, Jesus o faz acontecer antecipadamente, para que saibamos que o que ele significa já está presente.

O grito de Jesus lembra ainda outros textos: (cf. 10,3): «As ovelhas escutam minha voz, eu as conheço e elas me seguem». Esses textos ressoam na mente do leitor como expressões da vida que Jesus proporciona àqueles que ele ama e que o escutam, seus fiéis. Ao grito de Jesus, Lázaro sai, sem demora, com os membros e o rosto ainda envolvidos nas faixas mortuárias. Jesus ordena: «Livrai-o dessas faixas e deixa-o ir». Ressuscitado, vivendo por Cristo, Lázaro precisa enxergar, caminhar, continuar o caminho da fé e do amor, ajudado pela comunidade.

Jesus amava Lázaro (cf. v.5), Amava-o vivo; sua morte encheu seus olhos de lágrimas (cf. v. 36). O pão material e a vida corporal têm muito valor, e exatamente por isso podem ser símbolos do valor supremo que é Jesus.

## **VI. Complô contra Jesus (11,45-53)**

Jesus se revela como Deus da vida. Mas certas pessoas optam pela morte. Enquanto muitos abraçam a fé em Jesus por causa da ressurreição de Lázaro. Os chefes dos sacerdotes (saduceus), juntamente com os fariseus realizam uma reunião do Sinédrio (o Alto Conselho) para deliberar sobre o que fazer com Jesus.

João antecipa a sessão do Sinédrio presidida por Caifás (cf. Mc 14,53-65), que ele não descreve na narrativa da Paixão da Paixão (cf. 18,24). Na cena sinótica do Sinédrio, Caifás condena Jesus por causa de sua pretensão messiânica e sua identificação com o Filho do Homem. Em João, profetiza, sem querer, que Jesus será o Messias anunciado em Ezequiel 34-36. As autoridades judaicas temem que o sucesso de Jesus cause problemas com a força de ocupação militar romana, conhecida por sua implacável repressão em matéria de movimento popular: «Esse homem realiza muitos sinais. Se deixarmos que continue assim, todos vão acreditar nele; os romanos virão e destruirão o nosso lugar Santo (o Templo) e a nossa nação».

Caifás observa astuciosamente: «Vós não entendeis nada! Não percebeis que é melhor um só morrer pelo povo do que parecer a nação inteira?» (cf. II Sm 20,16; Is 53). Caifás era sumo sacerdote em função naquele ano fatídico, e sua palavra tinha valor de profecia. Contra sua intenção, Caifás profetiza que Jesus é o Salvador universal. Enquanto no v. 47 os adversários «se reúnem» em conselho para livrar-se de Jesus, em 11, 52, este vai «reunir» os filhos de Deus desde sua dispersão. Na expressão «reunir todos os filhos de Deus dispersos», João interpreta a visão do pasto escatológico, (cf. Ez 34-36), num sentido mais amplo que o messianismo judaico.

As ovelhas dispersas não são apenas as de Israel. O termo «dispersos» evoca a diáspora, mas para João isso já não é um assunto meramente judaico. Os «filhos de Deus» são os que nasceram da «carne», os que «creem no seu nome». Para João, a vontade do Pai é que se creia naquele que ele enviou (cf. 6,29).

#### 4. ANÁLISE SEMÂNTICA

**Betânia:** quer dizer casa dos pobres. Uma comunidade marcada pelo amor e ajuda mútua entre os seus membros; chamada de aldeia (Gr. kome) como Belém (Jo 7,42), não é a cidade de mesmo nome mencionada em Jo 1,28

e aludida em Jo 10:40-42; onde Lázaro vivia, ficava a leste do monte das Oliveiras, a uns 3 quilômetros de Jerusalém (Mt 21,17 – Jo 26,6).

**Doença:** é utilizada para descrever uma condição de enfermidade ou malestar que afeta a saúde física ou mental de uma pessoa. No contexto bíblico, as doenças eram frequentemente vistas como punições divinas ou manifestações de forças espirituais negativas, e muitas vezes eram associadas ao pecado. No entanto, o Evangelho de João não faz essa associação explícita no relato da doença de Lázaro. No caso específico de Lázaro, a doença é apresentada como uma situação grave que levou à sua morte. Porém, Jesus usa a ocasião para realizar um sinal milagroso de sua divindade, ressuscitando Lázaro dentre os mortos.

**O quarto dia:** refere-se ao tempo decorrido desde a morte de Lázaro. É uma informação importante porque, na tradição judaica, acredita-se que a alma de uma pessoa pode permanecer no corpo por três dias após a morte, mas no quarto dia, a decomposição começa a se manifestar e, assim, a pessoa é considerada definitivamente morta. O fato de Jesus ter ressuscitado Lázaro no quarto dia, quando todos já pensavam que ele estava morto e enterrado, enfatiza ainda mais o poder divino de Jesus e sua capacidade de superar a morte.

**Os que Jesus ama:** O Quarto Evangelho fala diversas vezes de pessoas a quem Jesus ama de modo especial: Lázaro, Marta e Maria, o Discípulo Amado. Nosso ambiente cultural dá ao verbo «amar» um sentido passional, se não erótico. Tal sentido não é o de João. Para o amor passional, o grego tem um termo próprio (*erân, erôs*), que João nunca usa. João usa quase sempre o verbo *agapân*, raro no grego comum e preferido pela Bíblia para traduzir o hebraico *ahêb*, que poderíamos definir como: «preferir, aderir a, ser solidário com, optar por». É o amor da Aliança (cf. Dt 6,5; 7,7-8). O amor de Jesus pela família de Betânia e pelo «Discípulo Amado» é o da Aliança e da solidariedade cristã. Esses personagens são «prediletos» como o povo eleito da antiga Aliança e têm uma dimensão comunitária. Representam o novo povo de Deus eleito em Cristo. Representam, na realidade, a verdadeira comunidade cristã. No v.3, as irmãs apelavam para o amor de amizade que Jesus tinha por Lázaro. O amor efetivo, de Aliança (cf. v. 5, *agapân*), não exclui, mas eleva o amor efetivo.

**Chorar:** O verbo *dakryo* é único no Novo Testamento. Jesus é tomado por um profundo sentimento de perda e tristeza. Diante do choro de Jesus, os judeus concluem: “Vede como ele o amava!”. Essa é a principal característica das comunidades do discípulo amado: o amor mútuo entre Jesus e os membros da comunidade.

**Ressurreição:** Antes da crença na ressurreição, o Antigo Israel tinha uma concepção de que a vida era limitada e que a morte era vista como castigo e fim de tudo. A teologia da retribuição afirmava que uma pessoa justa seria abençoada por Deus com riqueza e vida longa (cf. Dt 5,33; Lv 18,5; Ne 9,29; Sl 112,1-6). Porém, a ideia da morte como fim de tudo foi se tornando inaceitável diante dos justos que morriam por defender a Lei e a tradição judaica contra o domínio dos gregos. O tema da ressurreição aparece pela primeira vez no livro de Daniel 12,2-3, por volta de 164 a.C, e foi uma tentativa de dar sentido à morte dos justos e incentivar a resistência dos judeus contra os gregos. No entanto, essa ideia da ressurreição seguiu os princípios da teologia da retribuição, onde os justos ressuscitariam para a vida eterna e os injustos para o castigo eterno. Essa crença foi confirmada no período dos Macabeus, onde os justos que eram mortos por defender a Lei e a tradição judaica foram vistos como mártires e a ressurreição se tornou uma esperança para o povo judeu.

## 5. HERMENÊUTICA

O episódio de Lázaro é um drama de vida e morte. Jesus dá a vida a quem crê, os que não creem tramam a morte para Jesus. Com isso é levado ao auge o propósito do Quarto Evangelho: a opção de vida ou morte.

Na sociedade em que vivemos, o cristão é chamado a optar entre a vida e a morte. A vida está do lado de Jesus, de sua prática e de sua comunidade, se ela for uma comunidade fiel. A morte está do lado daqueles que fecham os olhos aos sinais de Deus e só pensam na sanção do «Império» (de ontem ou de hoje).

A conformidade com aquilo que domina o mundo obceca os olhos diante da oferta de vida em Jesus.

Na ressurreição de Lázaro, Jesus dá um sinal da ressurreição e da vida eterna, que estão presentes nele. Mas para que esse sinal seja verdadeiro, encarna-o em materialidade, assim como ele mesmo assumiu a carne humana, a existência histórica. A prática de Jesus não consiste em belas palavras espirituais, mas em possibilitar histórica e materialmente uma vida que seja sinal do definitivo de Deus em nosso viver.

## REFERÊNCIAS

KONINGS Johan, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*. Loyola, São Paulo 2005.

*Nova Bíblia Pastoral*, edd. P. Bazaglia-A.C Frizzo-D. Scardelai et al. Paulinas, São Paulo 2014.

*Bíblia de Jerusalém nova edição revista e ampliada*, edd. J. Bortolini-P. Bazaglia, Paulus, São Paulo 2006.